

“ENQUANTO A BOLA NÃO COMEÇA” – CLUBES DESPORTIVOS COMO ESPAÇOS DE CONTRACULTURA, O CASO DO ESTRELA DA AMADORA (1951-1974)

“Mientras que el partido no comienza” - los clubes deportivos como espacios de contracultura, el caso del Estrela da Amadora (1951-1974)

“While waiting for the ball to roll” - sporting clubs as spaces of counterculture, the case of Estrela da Amadora (1951-1974)

Gil GONÇALVES¹  · Andreia Fontenete LOURO²  · Daniel Freire SANTOS¹ 

¹ Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST) (Portugal)

² Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) (Portugal)

Resumo

Este artigo pretende destacar o papel dos clubes e associações desportivas como espaços de resistência em contextos autoritários, partindo do caso paradigmático de um modesto clube de futebol dos arredores de Lisboa - o Estrela da Amadora. Os vínculos entre desporto e política estão bem documentados. Contudo, essas ligações são usualmente sublinhadas recorrendo a momentos e gestos de grande intensidade dramática, nos quais a insubordinação e o inconformismo são expostos de forma pública e arrojada. Alternativamente, deslocando a nossa atenção para as actividades desenvolvidas por este clube ao longo de uma década, conseguimos apurar as estratégias quotidianas de resistência que este fomentava. A sede social do Estrela, um dos mais relevantes espaços de sociabilidade da cidade da Amadora, albergava uma biblioteca com livros proibidos, sessões de jogo ilegal e manifestações culturais assinadas por alguns dos mais notáveis “subversivos” da época. O próprio boletim do clube era usado para promover debates à margem das suas actividades desportivas, assumindo por vezes tons claramente programáticos. A partir da década de 1950, a direcção do clube foi assumida por oposicionistas que o usaram como plataforma para “fintar” os constrangimentos impostos pela ditadura à liberdade de expressão e associação. Marcados pelo acozamento assíduo da polícia política e por conflitos com a Igreja, estes anos retratam as possibilidades que a popularização do desporto abria à associação política, especialmente em tempos de repressão. Apesar de ser, nalguns domínios, um caso excepcional, esperamos atestar que o estudo de clubes e associações locais pode revelar uma cultura de resistência que não se encontrava confinada a partidos ou associações políticas tradicionais. Trata-se de explorar um objecto de estudo historiograficamente menorizado, analisando fontes impressas, materiais e orais “esquecidas” no momento de fazer a história da oposição e resistência ao Estado Novo.

Palavras-chave: Estrela da Amadora, Estado Novo, Contracultura, Associativismo desportivo, Resistência quotidiana.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

Resumen

Este artículo pretende destacar el papel de los clubes y asociaciones deportivas como espacios de resistencia en contextos autoritarios, partiendo del caso paradigmático de un modesto club de fútbol de la periferia de Lisboa - Estrela da Amadora. Los vínculos entre el deporte y la política están bien documentados. Sin embargo, estos vínculos suelen subrayarse recurriendo a momentos y gestos de gran intensidad dramática, en los que la insubordinación y el inconformismo se exponen pública y audazmente. Por otro lado, al trasladar nuestra atención a las actividades desarrolladas por este club a lo largo de una década, pudimos comprobar las estrategias cotidianas de resistencia que promovía. La sede social de Estrela, uno de los espacios de sociabilidad más relevantes de la ciudad de Amadora, acogió una biblioteca con libros prohibidos, sesiones de juego ilegal y manifestaciones culturales firmadas por algunos de los más notables "subversivos" de la época. El propio boletín del club se utilizó para promover debates al margen de sus actividades deportivas, adquiriendo a veces tintes claramente programáticos. A partir de los años 50, la gestión del club fue asumida por opositores del régimen que lo utilizaron como plataforma para "saltarse" las limitaciones impuestas por la dictadura a la libertad de expresión y de asociación. Marcados por el acoso de la policía política y los conflictos con la iglesia, estos años retratan las posibilidades que la popularización del deporte abrió a la asociación política, especialmente en tiempos de represión. A pesar de ser, en algunos ámbitos, un caso excepcional, esperamos dar testimonio de que el estudio de los clubes y asociaciones locales puede revelar una cultura de resistencia que no se limitaba a los partidos o asociaciones políticas tradicionales. El objetivo es explorar un objeto de estudio historiográficamente minorizado, analizando fuentes impresas, materiales y orales "olvidadas" en el momento de hacer la historia de la oposición y resistencia al Estado Novo.

Palabras clave: Estrela da Amadora, Estado Novo, Contracultura, Asociaciones deportivas, Resistencia cotidiana.

Abstract

This paper aims to stress the role sporting clubs play in the struggle against authoritarian regimes, using as a paradigmatic case study a small football club in the outskirts of Lisbon: Estrela da Amadora. The ties between sports and politics are well established. However, these linkages are usually highlighted resorting to moments and gestures of great dramatic intensity when nonconformist attitudes are publicly and boldly exposed. By turning our attention to the activities conducted by a club during a decade long span we get a clearer notion of the everyday strategies of resistance that were put into place. Estrela's club house was one of the most important venues for social gatherings in the town. It was home to a library, illegal gambling, and cultural performances, some of them performed by several of the most notable "subversives" of the time. The club's bulletin was also used to promote debates marginal to any sporting activity, some of them with not-so-subtle political undertones. During the 1950's, the club's board was stormed by oppositionists, eager to use it as a platform to "dribble" the constraints imposed by the dictatorship. From raids of the political police to conflicts with the church, these years portray the possibilities that the popularization of sports could open to political association, especially in times of repression. Albeit in some respects an exceptional case, we hope to demonstrate that the study of local clubs can reveal a broader culture of resistance, one that is not confined to parties or traditional political associations. To surmise, we seek to explore an object that is usually marginalized in historiographical debates, rescuing a set of documental, material, and oral sources of great relevance for the history of everyday resistance to the Portuguese Estado Novo.

Keywords: Sporting associations, Counterculture, Everyday resistance, Estado Novo, Estrela da Amadora.

Introdução

O futebol continua a ser considerado um dos “três efes” do reportório ideológico de que o Estado Novo se muniu para garantir o apoio popular e, por extensão, a sua própria longevidade¹. No entanto, a relação da ditadura com o fenómeno futebolístico esteve longe de ser pacífica e coerente. À semelhança do que acontecia nos demais fascismos europeus, a prioridade da política desportiva estado-novista passou pela promoção de actividades de cariz não competitivo, capazes de estimular o apuramento das capacidades físicas dos atletas, ao mesmo tempo que educavam para os valores matriciais do regime - o futebol não encaixava neste desiderato higienista e “moralizante”. Ao promover rivalidades clubísticas e bairristas, era uma modalidade contrária a uma cultura desportiva de sabor verdadeiramente nacional.

Contudo, regimes como a Alemanha de Hitler ou a Itália de Mussolini acabaram por perceber que as paixões que o futebol estimulava podiam ser utilizadas para exacerbar os preceitos etno-nacionalistas nos quais se fundeavam os seus regimes. Os grandes duelos e competições internacionais ofereceram, por isso, oportunidades propagandísticas irrecusáveis. A espaços, também o Estado Novo procurou cooptar o futebol para legitimar a validade de alguns dos seus pilares ideológicos, sobretudo perante observadores externos – o jogador Eusébio, por exemplo, serviu como “modelo” para a defesa da validade do projecto colonial português (Cardão 2014)–, e para ilustrar uma teórica capacidade de acção do aparelho estatal através de vários projectos de renovação de estádios ou de inaugurações de novos complexos desportivos durante as décadas de 1940 e 1950. No entanto, o aproveitamento político do futebol, desde logo no seguimento dos feitos internacionais da selecção nacional, do SL Benfica ou do Sporting CP, esteve longe de ser comparável ao que aconteceu, por exemplo, na Espanha franquista (Salas 2021, 132). Para o fascismo português², o futebol continuou a ser encarado como um estranho fenómeno multitudinário, que o regime deveria controlar e disciplinar, mas do qual dificilmente se poderia servir em pleno. Já a oposição antifascista teve um entendimento ligeiramente diferente.

As tentativas estatais de controlar o “desporto-rei” não só foram tímidas, como se revelaram ineficazes. O dinamismo dos clubes e da estrutura federativa desfeiteou muitas das veleidades dos organismos que, mesmo munidos de poderes discricionários, pretendiam colocar o futebol ao serviço dos desígnios do regime. A resistência, mesmo sem um carácter explicitamente político, às tentativas de controlo dos órgãos-sociais dos clubes por parte das entidades estatais, bem como às tentativas de reformar as actividades por estes promovidas, mostram que o regime não conseguiu romper com uma certa autonomia que o campo desportivo soube conquistar (Kumar 2017, 18)³. Ainda assim, momentos houve em que o futebol foi activamente usado para desafiar o regime.

A visibilidade crescente da modalidade, objecto de uma cobertura mediática progressivamente mais diversificada, aliada à notabilidade que começaram a adquirir alguns dos seus principais vultos, levou a que o fenómeno futebolístico desse palco a manifestações abertamente subversivas. São bem conhecidos episódios como os punhos cerrados de José Simões e Mariano Amaro, erguidos durante um amigável entre as selecções de Portugal e Espanha em plena Guerra Civil, ou ainda a final da Taça de Portugal de 1968/1969, que encheu as bancadas de estudantes afectos à Associação Académica de Coimbra que, no auge da Crise Académica, fizeram no Jamor um dos mais imponentes comícios antifascistas.

Há, contudo, objectos e escalas de análise que permitem explorar outro tipo de relações entre o futebol e a resistência à ditadura. Se deslocarmos a nossa atenção para lá do plano institucional/estatal e para lá das manifestações públicas mais audazes, somos confrontados com formas mais

¹ Os outros dois elementos do trio são o Fado e Fátima.

² Descreveremos daqui em diante o regime português enquanto regime fascista, tendo em consideração a associação que aqui desejamos sublinhar face aos restantes fascismos europeus no contexto da nossa investigação. Deixamos nota de que consideramos o Estado Novo como uma das interpretações portuguesas do Fascismo, sendo que o seu regime atravessou diferentes fases no complexo espectro desta modalidade política (Rosas 2019).

³ A resistência de vários clubes à intransigente defesa do amadorismo por parte do regime é talvez o caso mais expressivo. Foram várias as estratégias adoptadas para alcançar um “profissionalismo velado”, com o qual o regime teve de se tornar conivente.

discretas, mas menos episódicas, de utilizar o futebol para promover activamente narrativas e actividades culturais de sentido contrário àquelas que o regime patrocinava.

A historiografia acerca da oposição ao Estado Novo centra-se na actividade legal e clandestina de partidos e organizações políticas - sobretudo aquando da realização de actos eleitorais invariavelmente fraudulentos (Rosas 2012; Pinto et al. 2013) -, ou no percurso individual de alguns opositores notáveis. No plano cultural, são destacadas as correntes literárias e artísticas que desafiavam, na forma e no conteúdo, o cânone do regime. Contudo, nenhum desses enfoques nos permite fazer sentido das “mudanças invisíveis” que ocorreram no Portugal do pós-Segunda Guerra Mundial e que erodiram irremediavelmente a base de apoio à ditadura. Olhar para o que acontecia nas colectividades, neste caso naquelas em que o futebol era central, permite-nos constatar que o combate político e cultural contra o regime se reflectia em espaços inesperados, ao mesmo tempo que nos permite reavaliar o papel da modalidade no combate à ditadura, indo além dos casos e episódios mais célebres (Serrado 2009; 2012).

É sobre esta faceta menos explorada da história do futebol sob a égide do Estado Novo que este artigo incide, tomando como caso de estudo o Clube de Futebol Estrela da Amadora (CFEA) e a sua presença poliédrica na sociedade amadoreense entre o dealbar da década de cinquenta e a conquista da liberdade em Abril de 1974. Trata-se de um exemplo paradigmático de como o associativismo desportivo (e não só) foi instrumentalizado pela oposição no sentido de combater a hegemonia cultural do regime. Um trabalho conduzido à escala local que se revela importante para perceber o radicalismo que viria a caracterizar os movimentos sociais da cintura industrial de Lisboa antes e durante a Revolução dos Cravos.

O futebol, a cidade e a indústria

Pouco há de aleatório na infiltração da oposição antifascista no Estrela da Amadora. O clube amadoreense é, afinal, um retrato fiel das transformações sociais e demográficas que presidiram à popularização do futebol, transformações essas que também fizeram da Amadora um importante “viveiro” para a oposição antifascista. Está bem documentado o papel que a industrialização e a urbanização tiveram na reconversão do futebol de modalidade intrinsecamente elitista a fenómeno popular. As cidades, enquanto espaços marcados pela conflituosidade e pelo antagonismo, estimulam desejos de diferenciação e competição que, podendo apenas manifestar-se de forma restrita, fazem do jogo de futebol uma forma de perturbar as rotinas da vida citadina e de estimular a criação de laços identitários (Dunning 2001; Silva 2012; Wambach 2022).

De resto, há para o contexto português estudos que atestam esses mesmos processos (Gaspar 1971; Kumar 2012), com destaques para os casos do Barreiro (Domingues 2004) e de Olhão (Kumar 2017, 50). Tendo isso em conta, torna-se também mais fácil perceber a relevância que os clubes de futebol podiam assumir para a mobilização política, sobretudo em contextos em que a liberdade de manifestação e associação estava profundamente coarctada. Os clubes eram espaços para a criação de culturas políticas capazes de dobrar a oposição entre nós (os da casa) e eles (adversários) numa oposição entre nós (o povo) e eles (a situação). É esse efeito de espelho que nos permite dar sentido às actividades que o Estrela desenvolveu a partir dos anos 50 e compreender o seu lugar na vida social e política da Amadora.

O clube foi fundado em 1932 por um grupo de jovens com origens humildes. Até então, os clubes desportivos mais relevantes da Amadora tinham sido fundados por membros das elites, dedicando-se a actividades próprias da aristocracia e da burguesia do *fin-de-siècle*. Embora tenha havido algumas tentativas de criar clubes de futebol na vila desde o início do século, o Estrela foi o único clube que conseguiu contrariar a tendência para a efemeridade.

Tendo os primeiros anos transcorrido em relativa obscuridade, a década de 1940 e, particularmente, de 1950, trouxeram um novo impulso, indissociável da industrialização do novo centro urbano. A vida na pitoresca vila às portas de Lisboa começou a ser perturbada com a instalação das primeiras fábricas, que procuravam beneficiar dos acessos privilegiados à rede

ferroviária⁴ e da proximidade à capital. Estas indústrias, carentes de uma mão-de-obra intensiva, foram responsáveis por um crescimento populacional significativo, que alterou dramaticamente a demografia da cidade – se em 1940 esta albergava cerca de 10.000 habitantes, em 1960⁵ eram já mais de 50.000, traduzindo de forma exemplar as dinâmicas da migração interna da época. Essa transformação teve também uma natureza qualitativa, uma vez que muitos dos recém-chegados eram trabalhadores especializados contratados pela COMETNA (1943), SOTANCRO (1943), SOREFAME (1946) e CEL-CAT (1948)⁶. Este novo contingente de operários possuía rendimentos e níveis de literacia mais elevados – indispensáveis ao desempenho das suas funções -, o que fez com que a sua participação no mundo associativo fosse movida por outro tipo de exigências e anseios. Eram profissionais alfabetizados e com poder de compra suficiente para adquirirem jornais, irem ao cinema, lerem livros.

O clube beneficiou de todas estas mudanças. Houve um aumento significativo do número de sócios⁷, que permitiu a melhoria das suas instalações e um maior eclectismo⁸. A nova sede, inaugurada em 1951, tornou-se um dos espaços sociais mais importantes da cidade, albergando uma biblioteca e inúmeras actividades culturais e recreativas, como veremos adiante. Mas estes incrementos, além de revelarem o dinamismo da vida interna do clube, foram também fruto da acção de dirigentes animados por mais do que apenas o seu amor pelo desporto.

A Amadora operária assistiu à disseminação de ideários reveladores de uma crescente preocupação com os direitos dos trabalhadores e suas condições de vida. Inquietações particularmente candentes numa cidade incapaz de sustentar um crescimento tão acelerado, mais a mais perante a incúria do regime. As contradições, fragilidades e violências da ditadura estavam, neste cenário, flagrantemente expostas⁹. Não é por isso de estranhar que vários membros de células comunistas clandestinas, na sua maioria empregados nas fábricas, tenham começado a mobilizar as classes trabalhadoras da cidade, não só nos locais de trabalho, mas em todos os espaços sociais populares. Com as liberdades fundamentais cerceadas e com o apertado enquadramento jurídico-legal do universo associativo, clubes recreativos e desportivos vão acabar por assumir no contexto da ditadura uma vocação progressivamente mais plurifuncional, mesclando-se com o mundo da cultura e tornando-se permeáveis a infiltrações por parte dos sectores marginalizados pela política oficial (Melo 2010, 356). O Estrela, que via a sua popularidade crescer consistentemente, era uma instituição que não se podia, evidentemente, descurar – e os oposicionistas sabiam-no.

Contracultura num “grande clube popular” – o *Boletim* e as actividades culturais

A principal fonte que nos permite perscrutar a vida no clube durante este período de renovação e crescimento é o *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, publicado irregularmente durante a primeira metade da década de 1950. Não só nos fornece detalhes importantes sobre as actividades do clube à época, como também revela a evolução dos seus órgãos sociais, ocupados por algumas figuras gradas da oposição à ditadura. A partir daí, percebemos que a vida nas instalações do Estrela da Amadora durante esse período proporciona um contraponto sugestivo às narrativas mais comuns sobre o futebol em Portugal durante a ditadura. Estamos perante um clube que foi activamente utilizado como plataforma para desafiar o Estado Novo.

⁴ A electrificação deste caminho-de-ferro ocorre em 1957.

⁵ Na década de 1970, a freguesia da Amadora é mesmo considerada a maior da Europa, dada a sua densidade populacional.

⁶ Unidades fabris ligadas à fundição de aço, à construção de componentes eléctricos e mecânicos pesados e à construção de cabos armados e condutores eléctricos, respectivamente.

⁷ A título de exemplo, entre Janeiro de 1951 e Janeiro de 1952, os associados do clube passaram de 300 a mais de 1000. Fernando Piteira Santos, “Vinte Anos ao Serviço do Desporto”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Janeiro, 1952, 3.

⁸ Estreavam-se modalidades como o vólei, o hóquei em campo ou o andebol.

⁹ O influxo de novos habitantes precipitou a construção informal e desregrada de casas e prédios, agravando problemas relacionados com a salubridade, com o acesso a transportes e com a criminalidade. (Nunes, 2012)

No final dos anos 1940, foi eleita uma nova direcção que coloca Fernando Piteira Santos, historiador e conhecido combatente antifascista, como presidente da assembleia geral do clube. Não era, já na altura, um estranho para a polícia política do regime, tendo passado algum tempo na prisão em virtude da sua actividade subversiva. Entre 1941 e 1951 foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português, tendo também integrado o Movimento Nacional de Unidade Anti-Fascista (MUNAF) e o Movimento de Unidade Democrática (MUD), tomando parte na campanha eleitoral de Norton de Matos (1949). À sua actividade política somava ainda uma intensa actividade intelectual, escrevendo para revistas como a *Seara Nova* e a *Ler*, tendo ainda fundado o jornal *O Diabo* (1934-1940). Neste último, foi inclusivamente responsável por imprimir uma mudança no rumo editorial, passando a assinar textos centrados nos temas da educação física e do desporto. Justificou essa opção com a importância social da cultura física, lembrando ainda que o carácter massivo da experiência desportiva não poder deixar de atrair um comunista, impondo-se superar o divórcio entre a “vida dos intelectuais e a vida activa”. Nas suas palavras, “que nos perdoem este carinho fraterno pela multidão” (Neves 2009, 12-13). Tratava-se também de um periódico alinhado pelo movimento neo-realista¹⁰, onde colaboraram figuras como Mário Dionísio, Manuel da Fonseca ou Fernando Namora¹¹. Foram talvez esses contactos privilegiados de Piteira Santos com o meio intelectual oposicionista que permitiram trazer para o clube um grupo de novos associados que dinamizaria o papel do Estrela enquanto um verdadeiro espaço de contracultura¹² na Amadora e que se empenhariam activamente na redacção do seu *Boletim*.

O mensário começa a publicar-se a partir de Junho de 1951. As suas oito páginas, com grafismo cuidado, assumiam o propósito de servir como “repositório da vida associativa” do clube e “mensageiro de uma fase de renovo”¹³. Mas podemos afirmar com segurança que o *Boletim* foi mais do que isso. A própria decisão de avançar para uma publicação deste tipo merece que tenhamos algumas considerações. Se, por um lado, se enquadra na evolução da imprensa desportiva em Portugal daqueles anos, por outro é reveladora de um conjunto de particularidades dignas de nota.

No caso dos clubes que se notabilizaram pela prática do futebol, a necessidade de informar e criar laços mais fortes com os associados impunha-se pela crescente popularidade dos “melhores” clubes do país, que começavam a atrair adeptos fora das suas cidades de origem (Pinheiro 2011, 284). Ainda assim, com periodicidade mais ou menos regular e de acordo com a investigação feita até ao momento, apenas nove clubes de futebol, imitando o projecto seminal do Sporting Clube de Portugal (1922), se anteciparam ao Estrela da Amadora no lançamento dos seus boletins. Foram eles a Associação Naval 1º de Maio (1927), o Sport Lisboa e Benfica (1927), o Sporting Clube Figueirense (1927), o Leça Foot-Ball Club (1928), o União Foot-Ball Lisboa (1931), o Futebol Clube do Porto (1935) o Clube de Futebol “Os Belenenses” (1940), o Atlético Clube de Portugal (1945) e o Grupo Desportivo Estoril Praia (1950)¹⁴. Importa referir que estes são alguns dos mais populares da época, com estatuto primodivisionário e títulos nacionais no palmarés¹⁵. Por contraste, o Estrela mantinha ainda uma dimensão regional, militando no Campeonato Distrital da II Divisão, o que atesta a ambição que os seus dirigentes acalentavam, bem como o dinamismo da sua massa associativa crescente¹⁶.

¹⁰ Piteira Santos desenvolveu também uma intensa actividade desportiva na Associação Académica da Amadora e no Luzitano Amadora Club, enquanto praticante de hóquei em patins, chegando também a praticar ténis de mesa no Estrela (Fiadeiro 2003).

¹¹ Três escritores portugueses que deixaram uma marca profunda na literatura portuguesa.

¹² Por contracultura entendemos as actividades desenvolvidas por um grupo ou rede que exprime valores contrários àquela que é percebida como a cultura dominante. No plano desportivo, expressões contraculturais podem resultar de alterações na legislação ou por associação a outro tipo de hábitos sociais tidos como marginais (Tomlinson 2010, 114-115).

¹³ “A nossa Missão”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Junho, 1951, 1.

¹⁴ No mesmo ano em que o Estrela lança o *Boletim*, o Clube de Futebol Benfica e o Barreirense acompanham-no com publicações análogas.

¹⁵ Apenas S.C. Figueirense e Leça F. C. também fugiam à regra.

¹⁶ Nas páginas do *Boletim* afirma-se que o clube já havia lançado uma iniciativa semelhante nos anos 1940, pela mão de João Sacramento. Não temos, no entanto, qualquer registo do mesmo.

Além disso, mostra-nos até que ponto os dirigentes do clube pretendiam usar o *Boletim* para os seus propósitos de agitação e consciencialização política. A forma como a censura encarava este tipo de imprensa não é de somenos. Segundo Francisco Pinheiro, de maneira geral, a imprensa desportiva guardava as suas distâncias em relação à política, não procurando fazer oposição ou apologia ao regime. De tal forma assim era que, a 11 de Outubro de 1945, a Circular n.º 238 passa a dispensar a imprensa desportiva de submeter notícias e relatos desportivos à Censura Prévia. Ainda assim, tal não equivalia a passar uma carta branca a estas redacções. São, de resto, bem conhecidas algumas imposições notáveis feitas pela censura a estes órgãos de comunicação, nomeadamente a transformação forçada do “vermelho” em “encarnado” nas referências às hostes benfiquistas no rescaldo da Guerra Civil Espanhola, ou a manipulação das fotografias na revista *Stadium*, dissimulando o facto de dois jogadores da selecção nacional terem cerrado o punho diante dos dignitários franquistas que assistiam a um jogo contra a sua congénere espanhola em 1938. Além disso, jornais como *A Bola* ou *O Norte Desportivo* foram várias vezes multados por não submeterem provas à censura (mesmo não sendo a isso obrigados), por não aceitarem os cortes dos censores ou por publicarem conteúdos desportivos considerados problemáticos. Apesar dos processos disciplinares instaurados resultarem em punições relativamente leves (repreensões por escrito ou, em casos mais graves, multas), o regime não estava completamente desatento. As pressões sobre jornalistas e as ameaças de suspensão de publicação e de abate mantinham-se, mesmo sem estarem apoiadas em letra de lei (Pinheiro 2011, 272-3).

Ainda assim, o facto de ser considerado um reduto especializado permitiu que a imprensa desportiva desfrutasse de uma maior liberdade, não por amenidade, mas sim por incapacidade dos próprios serviços de censura. É esse o argumento avançado por Nuno Domingos e Rahul Kumar (2011), que alegam que, mais do que evidenciar um desinteresse do Estado Novo no campo desportivo, o tratamento relativamente “brando” de que a imprensa desportiva desfrutava devia-se a uma incapacidade da própria censura em controlar todo o espaço publicado, algo que seria compensado através de um clima de intimidações permanentes e punições mais ou menos arbitrárias.

Certo é que a direcção do Estrela da Amadora conseguiu explorar as limitações que se colocavam à frente do trabalho dos censores. E muniu-se de quadros altamente preparados para o efeito. O corpo redactorial do *Boletim* era composto por jornalistas com ampla experiência profissional. A direcção e edição estava a cargo de Armando Moreira Rato, antigo nadador e outrora vice-presidente do C.F. “Os Belenenses”, que já antes tinha dirigido a revista *Sport Ilustrado* (1924) e o semanário *Futebol* (1935) - este último pautado “por uma excelente linha doutrinal sobre o papel do desporto e do jornalismo desportivo na sociedade portuguesa” (Pinheiro 2011, 197-8), sendo ainda seminal na promoção do desporto feminino. Já entre os colaboradores mais assíduos estavam escritores e poetas como Antunes da Silva¹⁷ e Fernando Alberto Pimentel¹⁸ - ambos ligados aos círculos oposicionistas -, além de Marques Ferrer¹⁹ e Celestino Boiça Ferreira²⁰, chefe de redacção.

Estes homens utilizavam o *Boletim* não só para informar os associados sobre as actividades do clube, mas também para abordar temas que não teriam espaço na imprensa nacional ou local. Alguns artigos tinham uma clara natureza programática, recorrendo a dispositivos retóricos afins à

¹⁷ Escritor eborense que também integrara o MUD Juvenil, sendo preso em Caxias em 1948. Colaborou com jornais como o *Diário de Lisboa* e o *República*, bem como com a *Seara Nova* e a *Vértice*. Restituído à liberdade, vai morar para a Damaia e trabalhar na CEL-CAT, onde permaneceria empregado durante quatro décadas.

¹⁸ Romancista e colaborador no *República*.

¹⁹ Colaborador na *Gazeta do Sul*, jornal do Montijo em cuja tipografia, a partir do quarto número, o *Boletim* passa a ser impresso. A colaboração com a *Gazeta do Sul* terá sido tudo menos accidental, tratando-se de um periódico cuja redacção estava também saturada de elementos do “revirinho”.

²⁰ Empregado de escritório e futuro presidente da direcção do Estrela. Também envolvido em actividades subversivas que lhe valeram a prisão em 1958, em Caxias e no Aljube. A sua participação em meetings de apoio às candidaturas presidenciais (a realizar nesse ano) de Cunha Leal e, depois, de Arlindo Vicente (candidatos apoiados pela oposição comunista) motivaram uma rusga à sua residência, onde foram encontradas várias publicações clandestinas e panfletos afectos ao Partido Comunista Português. ANTT, PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 115, registo n.º 22836.

propaganda comunista e socialista. Efectivamente, a cobertura dada aos resultados desportivos do clube, nas mais diversas modalidades, ocupava, habitualmente, apenas uma ou duas das suas oito páginas, numa secção intitulada “Vida Desportiva”, mimetizando a forma como a imprensa generalista cobria o facto desportivo. Nas restantes secções, e apesar de, naturalmente, se dar

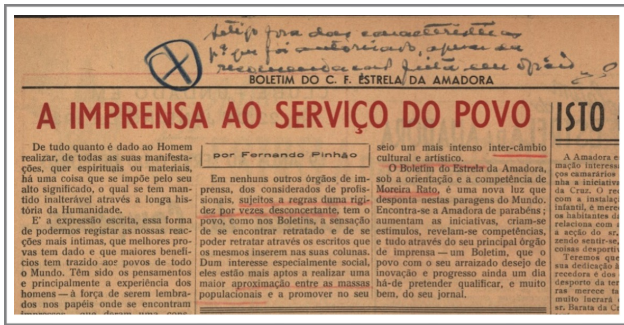


Figura 1. Peça assinada por Fernando Pinhão e “cortada” pelo censor, dada que se encontrava “fora das características para que foi autorizado, apesar da recomendação feita em ofício”.

desconcertante”. Destacava-se ainda o papel dos boletins no acolhimento das “confissões espontâneas do povo” e das “reflexões da sua experiência”, na “aproximação entre as massas populacionais” e na promoção de um “intenso intercâmbio cultural e artístico”.

No segundo artigo, realça-se a importância da mulher no meio associativo, reflectindo-se sobre a sua posição na sociedade: “a Mulher mãe passou a ser também a Mulher intelectual – a Mulher cientista, a Mulher educadora, a Mulher desportista”. Seria neste “novo prisma” que o clube deveria “ampará-la para que ela possa triunfar da sua primitiva condição de simples adorno dos lares”. Ao mesmo tempo, deixava-se no ar a criação no clube de “secções femininas e permitir à Mulher o ingresso nalgumas que já se encontram em laboração, como por exemplo na parte administrativa, no Conselho de Leitura e mesmo no Conselho Técnico” – fazê-lo seria, segundo o autor, dar “o passo em frente no desatualizado convencionalismo em que se movem as nossas sociedades de recreio”.

Estes eram registos que, à época, e tendo em conta aquele que era o discurso oficial do regime, assumiam um carácter francamente contracultural. Se, por um lado, se fazia a apologia da liberdade de imprensa e da democratização do acesso à cultura, por outro reclamava-se a igualdade de género e do direito das mulheres não só à prática desportiva - altamente estigmatizada (Brasão, 2012) -, mas também à intervenção na vida pública.

Aparte estes exemplos mais flagrantes, os oito números do *Boletim* revelam que o propósito que movia aqueles dirigentes do Estrela passava – e servimo-nos aqui da expressão a que Piteira Santos

particular destaque a assuntos da vida interna do Estrela, discorria-se sobre um conjunto de temas que, como os censores volta e meia fariam questão de notar, escapavam às características para que esse *Boletim* fora autorizado²¹. A título de exemplo, vejamos-se duas peças da autoria de Fernando Pinhão: “A Imprensa ao Serviço do Povo”²² e “A Mulher”²³.

Na primeira, tecem-se um conjunto de considerações a respeito do estado da imprensa em Portugal, fazendo-se críticas explícitas às condicionantes impostas pelo regime ao meio jornalístico, que impediam esses profissionais de levar a cabo a sua missão junto dos leitores, assim “sujeitos a regras duma rigidez por vezes

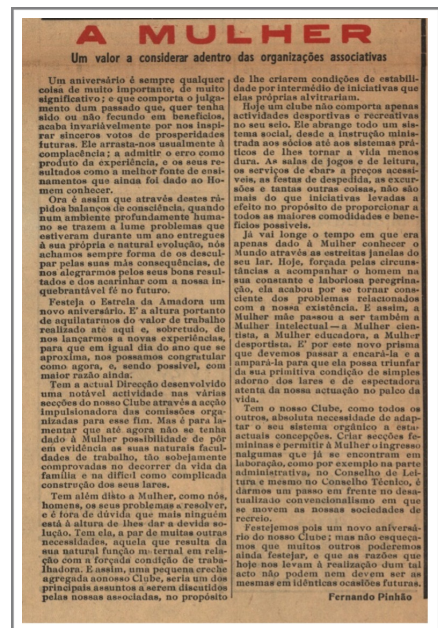


Figura 2. Nova peça de Fernando Pinhão em que se destaca a importância da mulher no contexto associativo.

²¹ De resto, o facto de apesar das limitações dos serviços de censura acima descritas, o *Boletim* ter sido obrigado a enviar provas que teriam de passar pelo “lápiz azul”, revela até que ponto os seus colaboradores já estavam devidamente sinalizados.

²² Fernando Pinhão, “A Imprensa ao serviço do Povo”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Setembro 1951, 3.

²³ Fernando Pinhão, “A Mulher”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Janeiro 1952, 8.

recorria amiúde – pela construção de um “grande clube popular”²⁴. Tendo esse fim em mente, o seu órgão privilegiado de comunicação com os sócios, criado “no seio de uma colectividade de recreio e cultura popular, feito especialmente para as classes trabalhadoras”²⁵, tinha forçosamente de servir como uma plataforma pedagógica que permitisse contrariar as insuficiências das políticas educativas do regime, bem como os valores por este propalados.

O último número do *Boletim* de que dispomos data de Março de 1953, num formato mais curto, de apenas quatro páginas. O tom era já em tudo contrastante com os anteriores. Aquele que até então havia sido o seu director demite-se, sendo substituído por Fernando Pimentel. Sucedem-se apelos à “união e constância”²⁶ dos sócios, que aparentemente se desmobilizavam, expondo-se ainda detalhes de uma situação financeira pouco abonatória.

Seja como for, a afluência à sede do clube não diminuiu, e as actividades aí promovidas continuaram a atrair a atenção da polícia política. A biblioteca do clube, muito solicitada uma vez que não havia nenhuma biblioteca pública na cidade, disponibilizava algum material de leitura

“proibido”, escondido debaixo das tábuas do soalho. Isto motivou várias rusgas policiais, especialmente em meados dos anos sessenta, quando Joaquim Benite, encenador e membro do Partido Comunista Português, era o bibliotecário residente²⁷.

A sede albergava também um auditório, onde vários intelectuais e artistas politicamente comprometidos com a oposição foram tocar, dar conferências ou recitais. As opções de programação estavam a cargo do Círculo de Divulgação Cultural do clube, fundado por um grupo de jovens associados em 1961. Também neste particular as colectividades ofereciam à oposição oportunidades únicas. A criação de grupos e cooperativas culturais deste género estava dependente do aval dado pelo Ministério do Interior, que, regra geral, as proibia. No entanto, um dispositivo legal no Código Comercial permitiu contornar essas dificuldades, uma vez que possibilitava a criação de secções culturais em empresas e grupos com actividade

comercial, não carecendo para tanto da homologação por parte do Ministério. Esse *caveat* fez a política abandonar os lugares de cânone, infiltrando-se nas colectividades e associações.

No caso do Estrela, o Círculo trouxe à Amadora algumas figuras cimeiras do panorama cultural português. Para citar apenas alguns exemplos, o poeta e pintor surrealista Mário Cesariny²⁸ deu palestras nas instalações do clube, tal como Humberto D’Ávila, crítico musical da *Seara Nova* ou



Figura 3. Recortes de jornal noticiando actividades promovidas pelo Círculo de Divulgação Cultural do Clube (Coleção de recortes de imprensa do Arquivo Municipal de Oeiras).

²⁴ Fernando Piteira Santos, “A Caminho de um Grande Clube”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Outubro, 1951, 4.

²⁵ Fernando Pinhão, “Declarações Interessantes”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Outubro, 1951, 1.

²⁶ Fernando Alberto Pimentel, “Unidade e Constância”, *Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora*, Março, 1953, 4.

²⁷ Por essa época, Joaquim Benite era também colaborador no *Notícias da Amadora*, jornal com uma linha editorial profundamente contrária aos desígnios do regime (Serôdio e Azevedo 2013); Informação recolhida através de uma entrevista não-estruturada a João Luís Santos Silva, especificamente realizada para este projeto de investigação, a 13 de Setembro de 2021.

²⁸ Cesariny era frequentemente acochado pela polícia por suspeitas de “vagabundagem” (eufemismo para a sua homossexualidade, que vivia abertamente). A sua obra poética era em tudo contestatária das normas, comportamentos e costumes tidos por “normais”. Esse desafio do “cânone” levou-o também a procurar os espaços populares para apresentar, discutir e produzir os seus trabalhos.

Domingos Janeiro, director do *Notícias da Amadora*. O coro de Fernando Lopes Graça²⁹ também se apresentou no local, que conheceu ainda sessões de cinema e viu serem levadas a cena várias peças.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a sede foi também uma escola, tanto para crianças como para adultos, mostrando mais uma vez como o Estrela procurou substituir o Estado em algumas áreas chave, algo que era particularmente urgente numa cidade marcada pela pobreza e num contexto em que muitos dos seus habitantes haviam sido privados de acesso à educação. Havendo, mais a mais, uma procura acentuada por trabalhadores qualificados e alfabetizados por parte das indústrias que operavam na Amadora, o ensino nocturno que o clube patrocinava revelou-se altamente popular, uma vez que era visto como uma oportunidade para garantir mais e melhor emprego.

Finalmente, convém não deixar de fora uma actividade marginal que se tornaria um ex-líbris do Estrela da Amadora até aos dias de hoje. A sede era também conhecida pelo jogo ilegal (a “batota”). Dados os problemas financeiros que estes pequenos clubes enfrentavam, e devido à indisponibilidade do Estado para investir nestas instituições, ou simplesmente reduzir a carga tributária que lhes impunha, o jogo representava uma importante fonte de rendimento. Tanto assim que, no caso do Estrela, logo que as restrições aos “jogos de azar” afrouxaram, após a revolução, o clube iria investir na construção de um dos maiores salões de bingo do país, ainda em actividade³⁰.

Fruto das inúmeras limitações entrepostas à liberdade associativa pela ditadura, era usual as colectividades desenvolverem actividades de cariz convivial do tipo daquelas que temos vindo a referir – a sede chegou inclusive a ter uma televisão quando esta ainda era uma novidade e um luxo, algo que proporcionava romarias familiares para o convívio em seu redor. Tratava-se, no fundo, de oferecer “o que não se tinha em casa mas que se gostaria de integrar no quotidiano” (Melo 2010, 357). No entanto, as inclinações políticas dos dirigentes do Estrela de então deram a essa oferta formativa e cultural supletiva um cunho marcadamente subversivo, uma aposta que não se faria sem custos.

Perturbação da vida do clube e tentativas tardias de enquadramento

Apesar da astúcia dos dirigentes, esta prolífica actividade cultural não poderia deixar de chamar a atenção das autoridades do regime, que começa a aperceber-se da necessidade de enquadrar o universo associativo no seu modelo de sociedade. Mas nem sempre os ataques ao normal funcionamento do clube foram declarados. Em 1955, o prior da Amadora decidiu que era tempo de construir uma igreja adequada à dimensão do novo centro urbano, em particular sendo cada vez mais um centro operário. Nesse sentido, e apesar das alternativas que lhe foram apresentadas, decidiu que a nova matriz deveria ser construída no exacto local em que se situava o campo de jogos do Estrela. Obviamente, a direcção não ficou satisfeita com a decisão e apelou ao Governo Civil de Lisboa e ao Ministério das Obras, apoiada por uma petição com mais de três centenas de assinaturas, entre indivíduos e negócios locais, que exigiam a inversão da decisão³¹. Esse esforço demonstra o peso que o clube tinha já junto da sociedade civil amadoreense, que se mobilizou publicamente e em massa para repudiar a intransigência do patriarcado. Alegava-se que o projecto representava uma sentença de morte para o clube e que ia em sentido contrário às políticas oficiais tornadas públicas através da imprensa em matéria de defesa do desporto em geral e dos clubes em particular. O processo foi para os tribunais e os interesses do Estrela foram representados por Manuel João da Palma Carlos, advogado antifascista que tinha já sido responsável pela defesa de

²⁹ O compositor também já possuía ficha na polícia política, tendo uma importante actividade política nos meios oposicionistas. Em 1948, tornara-se membro do Partido Comunista Português.

³⁰ O "Bingo da Amadora" foi inaugurado em 1984, já após a regulamentação do jogo, em 1982, através do Decreto-Lei n.º 277/82 de 16 de Julho.

³¹ Petição patente nos Arquivos da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna, fundo do Governo Civil do Distrito de Lisboa, caixa 175, f. 54-73. Código de referência PT/SGMAI/GCLSB/H-B/001/01428.

vários presos políticos³² - uma escolha a que não seria certamente alheio o posicionamento político dos dirigentes do clube.

No final, as partes chegaram a um compromisso: a igreja seria efectivamente construída no campo do Estrela, mas ao clube seria concedido um novo terreno na Reboleira, no que era então a periferia da cidade e onde se situa até hoje o seu estádio. A suspeita na altura era de que esta tinha sido uma tentativa velada de perturbar a vida do clube, separando o campo da sede social e do centro da Amadora. Uma hipótese que não devemos desconsiderar. No entanto, essa deslocação terá tido o condão de aproximar o Estrela de uma das principais empregadoras da cidade, a SOREFAME, que agora ficava paredes-meias com o campo de jogos. Nesse mesmo ano, a sociedade de fabricações mecânicas era feita sócia honorária do clube, tornando-se num verdadeiro centro recrutador ao longo das décadas posteriores.

Nos anos seguintes, a repressão sobre o clube manteve-se sobretudo cingida à monitorização e “higienização” das suas actividades culturais, mas o mesmo não se poderá dizer em relação a muitos dos seus colaboradores e dirigentes, vitimados pelos “anos de chumbo” do regime fascista. Em 1958, na sequência da campanha presidencial de Humberto Delgado – aquela que terá sido a ameaça mais séria à perpetuação do regime até à Revolução de 25 de Abril de 1974 – muitos dos nomes a que aqui nos temos referido foram presos, obrigados a passar à clandestinidade ou a partir para o exílio.

Celestino Boiça Ferreira, por exemplo, chefe da redacção do Boletim e presidente do Conselho Fiscal do clube em 1952, que, entretanto, assumira também a presidência da direcção do clube, é detido logo em Maio desse ano. Mais tarde, em 1962, Fernando Piteira Santos parte para o exílio em Argel na sequência da fracassada intentona de Beja³³. Essa sangria de quadros terá sido em parte responsável pelo relativo atavismo da vida associativa do clube durante a segunda metade da década de 60, marcada também por dificuldades financeiras.

É nesse contexto que, em 1973, toma posse uma nova direcção presidida por João Pimenta (comummente conhecido como J. Pimenta), empresário da construção civil que, entre os finais da década de 1960 e inícios de 1970, tinha dinamizado o processo de suburbanização da Amadora, convertendo a zona da Reboleira (onde se situava o campo de Estrela) numa área densamente povoada e caracterizada pela construção vertical. Não se podendo afirmar que era militantemente partidário do regime, J. Pimenta sempre se soubera relacionar bem com o poder instalado, sobretudo a nível local. Na qualidade de presidente do Estrela, a sua atitude não foi diferente. Cioso de usar o clube como forma de adquirir um capital social que, mais tarde, pudesse ser reconvertido em capital económico, a sua empresa patrocinou vários melhoramentos infraestruturais no campo do Estrela. Essas obras foram usadas como forma de pressionar a autarquia a conceder licenças de construção mais generosas ao industrial, nomeadamente através do incremento do número de andares e de fracções (Nunes, 2007). Mas impunha-se também “adequar” o Estrela aos preceitos da ditadura, caindo nas suas boas graças. Isso implicava a revisão imediata de muitas das actividades que tinham lugar nas suas instalações, mormente as desenvolvidas pela Secção Cultural. Nessa altura, o Estrela tinha em funcionamento um sector escolar, responsável por ministrar aulas do primeiro e segundos ciclos a que podiam assistir gratuitamente sócios e não sócios, de ambos os sexos e sem restrições etárias. Desenvolvera-se, além disso, a biblioteca e instalara-se um jornal de parede. Foi precisamente essa última realização que incomodou o industrial, levando-o a encerrar a

³² Manuel João da Palma Carlos tinha já estado preso no Aljube e em Caxias em virtude da actividade que desenvolvera na Federação das Juventudes Comunistas e na Associação Anticlerical e Antifascista. À semelhança de muitos dos nomes que aqui vêm sendo referidos, aderiu ao MUD e participou na campanha presidencial de Norton de Matos. Em 1953 notabilizar-se-ia ao defender várias vítimas do “Massacre de Batepá”, em São Tomé e Príncipe, tendo-se deslocado à então colónia portuguesa para o efeito. Em 1957 seria preso em pleno tribunal quando defendia um preso político. No mesmo ano integra as listas da oposição às eleições legislativas e no ano seguinte apoiaria Arlindo Vicente e Humberto Delgado na corrida presidencial. Memorial aos Presos Políticos, “Manuel João da Palma Carlos”, consultado a 1/3/2022 e disponível em <https://memorial2019.org/presos/manuel-joao-palma-carlos>.

³³ Tentativa de golpe civil e militar de derrubar o regime, a partir do regimento de infantaria de Beja, que teve lugar durante a passagem de ano de 1961 para 1962;

escola e a condicionar toda a actividade da secção. Em causa estavam uma série de artigos “problemáticos” que nele haviam sido afixados. Eram eles os seguintes:

- Problemas dos Índios nos E.U.A. (ponto crítico do “*República*”)
- 1.º de Maio (“*Notícias da Amadora*”)
- A questão da fábrica da Abelheira (“*República*”)
- Julgamentos (“*República*” e “*Diário de Lisboa*”)
- Sobre a Liberdade de Imprensa (“*Diário de Lisboa*”)
- Camões na U.R.S.S. (“*Notícias da Amadora*”)
- Sobre livros apreendidos (“*Diário de Lisboa*”)
- Actividades da I.T.T. (“*Comércio do Funchal*” e “*República*”)
- Ghettos de Varsóvia (“*República*”)³⁴

Evidentemente, todos os artigos em causa tinham passado pelo crivo da censura prévia. Não obstante, era evidente que o todo dizia mais do que a soma das suas partes. Além dos recortes, tinha sido afixado um excerto da obra *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes - vulto do movimento neo-realista e militante comunista – que estava a ser vendido para apoio à biblioteca e como forma de incentivar o interesse pela leitura do livro. Apesar do protesto de professores e alunos que integravam a secção, plasmado num artigo do *Notícias da Amadora* que também seria prontamente censurado³⁵, o jornal de parede foi proibido pela direcção do clube e a secção escolar foi considerada “ilegal” – à revelia de todos os preceitos estatutários. A biblioteca do clube foi também submetida a uma profunda reestruturação, uma vez que só deveria agora conter livros de estudo devidamente oficializados. Não se pode dizer que o “zelo” da nova direcção não tenha colhido frutos, pelo menos no imediato. Poucos meses depois da tomada de posse, em Fevereiro de 1974, dava-se já a inauguração da primeira-pedra do que viria a ser o Estádio João Pimenta³⁶. O evento contou com a presença do Governador Civil de Lisboa Afonso Marchueta, entre outros dignitários locais, que aproveitaram a ocasião para afirmar os méritos da administração de Marcello Caetano no plano desportivo e integrar a obra no pensamento do governo. O entusiasmo foi, no entanto, de curta duração, uma vez que pouco mais de dois meses depois, se deu a Revolução dos Cravos. Todas estas autoridades locais e regionais foram afastadas dos seus cargos e J. Pimenta viu a sua empresa tomada pelos trabalhadores e subsequentemente intervencionada pelo Estado. Em 1975, seguindo as pisadas de tantos outros empresários, parte para o Brasil, abandonando assim a direcção do clube. A conquista da democracia acabou por coincidir com as realizações desportivas mais significativas do Estrela da Amadora e representaria também novas necessidades e desafios. Mas essa é já uma outra história.

Conclusão

O Estrela da Amadora não foi um caso isolado. Num contexto autoritário, o associativismo desportivo soube erigir-se como um espaço improvisado de contestação e democracia. Muito se passava nestes clubes fora das quatro linhas, devendo ser-lhes reconhecido um papel relevante na erosão da hegemonia cultural do Estado Novo – hegemonia essa que, sobretudo nos centros urbanos e industriais, é contestada muito antes do 25 de Abril de 1974.

Não quisemos, por isso, encarar este caso de estudo como se apenas de uma interessante curiosidade se tratasse, procurando antes examiná-lo enquanto interlocutor crítico de um conjunto de histórias “maiores”. Por um lado, esta abordagem de investigação que se aproxima de uma leitura através de elementos micro-históricos³⁷ deixa claro que o regime não tinha, apesar de todos os esforços que mobilizou nesse sentido, um controlo apertado sobre o campo desportivo que, com a

³⁴ “Pois... Pois... J. Pimenta e a ‘cultura...’”, *Notícias da Amadora*, 27/10/1973.

³⁵ “Pois... Pois... J. Pimenta e a ‘cultura...’”, *Notícias da Amadora*, 27/10/1973.

³⁶ Em 1990, o nome do estádio é alterado para Estádio José Gomes, em memória deste presidente do clube falecido no ano anterior.

³⁷ Lidámos com pequenos fragmentos históricos através dos quais pretendemos dialogar com uma problemática história mais ampla.

criatividade e engenho necessários para tanto, foi preservando a sua autonomia. Por outro, esperamos contribuir para descentralizar a história da oposição democrática das suas estruturas formais, destacando a relevância que o associativismo desportivo podia assumir no combate à ditadura. Se o regime tendia, por vezes, a desvalorizar este tipo de espaços, impõe-se que nós não o façamos, recuperando para o efeito fontes, depoimentos e narrativas às quais não tende a ser reconhecido o devido valor histórico. Afinal, a liberdade também passou por aqui.

Fontes e bibliografia

Arquivos

Arquivo da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna (SGMAI)
Arquivo Municipal de Oeiras
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

Fontes impressas

Boletim do Clube de Futebol Estrela da Amadora (1951)
Notícias da Amadora (1973)

Entrevistas

João Luís Santos Silva, realizada a 13-09-2021

Bibliografia

- Brasão, Inês. 2012. “Desencontros da História com o Futebol Feminino”. Em *Futebol Português—Política, género e movimento*. Porto: Afrontamento.
- Cardão, Marcos. 2014. “Um significante instrumental. Eusébio e a banalização do lusotropicalismo na década de 1960”. Em *Esporte, Cultura, Nação, Estado – Brasil e Portugal*, editado por Victor Andrade de Melo, Fábio de Faria Peres e Maurício Drumond, 172–87. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Domingues, Nuno Baptista. 2004. “O Futebol e a Indústria no Barreiro”. Em *A Época do Futebol: o jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Dunning, Eric. 2001. *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence and Civilization*. London: Routledge.
- Fiadeiro, Maria Antónia. 2003. *Fernando Piteira Santos: português, cidadão do século XX*. 1ª ed. Porto: Campo das Letras.
- Gaspar, Jorge. 1971. *Aspectos geográficos do futebol em Portugal*. Lisboa: Brotéria.
- Kumar, Rahul e Nuno Domingos. 2011. “A Grande Narrativa Futebolística”. Em *Uma História do Desporto Em Portugal*. vol.1. Vila do Conde: Quidnovi.
- Kumar, Rahul. 2017. *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*. Lisboa: Paquiderme.
- Melo, Daniel. 2010. “A força do povo’ photomaton do associativismo popular”. Em *Como se faz um povo: ensaios em história contemporânea de Portugal*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Neves, José. 2009. “Ler desportivamente Lenine?: para a História do Comunismo e do Desporto em Portugal”. *Esporte e Sociedade*, n.º 11 (julho): 1–23.
- Nunes, João Pedro Silva. 2007. *Florestas de cimento armado: Os grandes conjuntos residenciais e a constituição da Metrópole Lisboa, 1955-1981*. Lisboa: Universidade NOVA de Lisboa.
- Nunes, João Pedro Silva. 2012. “Crescimento Urbano e experiência suburbana em Lisboa - O caso da Amadora (1960-1974)”. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, n.º 2: 1-21.
- Pinheiro, Francisco. 2011. *História da imprensa desportiva em Portugal*. Biblioteca das ciências sociais 34. Porto: Afrontamento.
- Pinto, António Costa, Nuno Gonçalo Monteiro, Jorge Miguel Pedreira, Pedro Tavares de Almeida, Nuno Severiano Teixeira e José Luís Cardoso. 2013. *História contemporânea de Portugal, 1808-2010*. 1ª ed. Carnaxide Madrid: Objectiva ; Fundación MAPFRE.

- Rosas, Fernando. 2012. *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. 1ª ed. Lisboa: Tinta-da-China.
- Rosas, Fernando. 2019. *Salazar e os fascismos*. 1ª ed. Lisboa: Tinta-da-China.
- Salas, Cristóbal Villalobos. 2021. *Futebol e Fascismo*. Leya.
- Serôdio, Maria Helena e Eunice Tudela de Azevedo. 2013. *Joaquim Benite desafiou próspero... e inscreveu o mundo no seu teatro*. 1ª ed. Almada: Companhia de Teatro de Almada.
- Serrado, Ricardo. 2009. *O jogo de Salazar: a política e o futebol no Estado Novo*. 1ª ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Serrado, Ricardo. 2012. *O Estado Novo e o futebol*. 1ª ed. Parede: Prime Books.
- Silva, Eliazar João da. 2012. “De esporte das elites ao esporte popular: a trajetória do Futebol no Brasil”. *Fronteiras: Revista de História* 14, n.º 25: 99–110.
- Tomlinson, Alan. 2010. *A Dictionary of Sports Studies*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- Wambach, Julia. 2022. “Feeling Political Through a Football Club: FC Schalke 04, 1904–2020”. Em *Feeling Political: Emotions and Institutions since 1789*, editado por Ute Frevert, Kerstin Maria Pahl et al., 249–76. Palgrave Studies in the History of Emotions. Cham: Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-89858-8_9.

ORCID

Gil GONÇALVES  <https://orcid.org/0000-0002-3303-8238>

Andreia Fontenete LOURO  <https://orcid.org/0000-0002-1884-8347>

Daniel Freire SANTOS  <https://orcid.org/0000-0003-3675-9206>